

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs. Fóra do reino accresce o porte do correio. Anunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha. Anuncios e comunicados, a 50 rs. linha. Petições..... 25 rs. alinh. Anuncios permanentes 5 » Folha avulso..... 40 reis

MAIS REFORMAS

Fechou-se o parlamento, que o ministerio considerava como um embarço permanente.

Agora que fica á vontade vae por certo realisar as tão preconizadas reformas, de que os seus arautos se vem fazendo eccho ha tanto tempo.

Nem de longe se percebe ainda a que ponto ellas visam, nem qual o molde por que são talhadas, nem mesmo o espirito que as auiam. Em todo o caso muitos põem ahi as suas esperanças na regeneração e prosperidade do paiz.

Talvez se não enganem. No governo está gente de intelligencia e de pulso. Resta sómente saber se o ar corrupto, que se respira nas secretarias, já os infecionou, ou se ainda conservam a inergia viril, que nós lhes conheciamos quando, de fóra do poder, batiam os ministerios anteriores.

Muito depressa costumam mudar os que sobraçam pastas; e não faltou quem inquinasse da mesma pecha alguns dos actuaes ministros quando tantas emendas se fizeram ás primitivas propostas da fazenda e n'estas tantas excepções odiosas se mencionaram.

Mas não é tempo ainda de desanimar; tanto mais que o governo se acreditou por uma politica bastante comedida e sensata durante a sessão parlamentar.

*

Atravessamos um periodo tão angustioso, que mal se vê onde ha-de ir o ministerio sangrar dinheiro para acudir ao depauperado thesouro.

De toda a parte os trabalhadores, os commerciantes, os industriaes, as companhias estendem as mãos ao governo a pedir-lhe auxilio. E quasi não é possível negar-lh'o, sem risco de se agravar esta medonha crise.

O proletario ou morre de fome ou emigra, sem já cuidar na febre amarella do Brazil ou nas febres da Africa. As companhias e os bancos entregam-se aos tribunaes, arrastando na queda centenaes de familias, que viviam dos seus dividendos.

E o governo pede moratoria aos credores estrangeiros, que recalcitram pedindo o pagamento integral dos seus juros.

O que se ha-de ir reformar e para que se ha-de reformar?

*

Não ha duvida de que os actuaes impostos estão mal distribuidos e ha verdadeira desigualdade nas collectas.

O defeito nem está nas leis, nem mesmo nos regulamentos. São estes deveras pròlixos e sufficientemente cautelosos.

Porém a applicação d'elles á pratica é que se torna injusta.

Mas tal injustiça ha de sempre existir por mais reformas que se façam. Sempre ha de haver mandantes e subordinados: sempre se hão de fazer favores, porque sempre ha dependencias. Se os proprios empregados do governo são os primeiros dependentes dos politicos das localidades!

Para que o imposto fosse verdadeiramente proporcional seria necessaria da parte de todos os cidadãos a maior hombridade, desinteresse e patriotismo.

E isto não é possível dentro da nossa sociedade tal como se acha organizada.

Melhor é deixar a rede tributaria com a organização que tem.

E n'este momento não se podem agravar os impostos. Protesta contra isso a crise economica e o pauperismo do paiz. O povo não pôde, nem deve pagar mais.

Falta só um ultimo recurso —as secretarias, onde vive um enxame numeroso de empregados publicos, que na sua maioria poucos serviços prestam á nação.

Porém ahi estão os agentes eleitoraes, aposentados, de todos os partidos monarchicos, que uma ou outra vez tiveram de violentar as urnas.

Terá o ministerio a coragem precisa de fazer um corte radical nos chamados direitos adquiridos, que nada mais são do que sinecuras escandalosissimas?

Não o cremos. E para isso temos o exemplo no modo como o ministro da fazenda procedeu antes de trazer a lume as suas primeiras propostas.

E' de vêr que os *gros bonnets* dos empregos continuarão a disfructar os seus grandes ordenados em boa paz. Vivem nas altas regiões onde se fazem favores aos proprios ministros, e assim arranjam a salvaguarda para o futuro.

Se alguma reforma se levar a effeito attingirá os pequenos empregados, aquelles que mal ganham o bastante para viver. A reforma lançal-os-ha para a rua a augmentar o grande numero dos famintos e a nação pouco terá lucrado.

*

Onde se farão as reformas? Em um paiz depauperado por tantos annos de regabofe politico, aticado por successivos empréstimos contrahidos lá fóra, mal se pôde imaginar onde se irá buscar dinheiro.

Mas a verdade é que essas reformas se annunciam para breve, e muitos põem n'ellas as suas esperanças.

Oxalá que assim seja: oxalá vejamos breve o paiz entrar n'um periodo de franca regeneração economica-financieira.

—•••••—

O DEPUTADO OFFICIAL

E' cedo ainda para dar a nossa opinião á cerca do movimento eleitoral, que se está iniciando no circulo e concelho. Nem se pode prever, desde já qual o aspecto da lucta, nem mesmo o grupo politico, de que o nosso jornal é orgão, assentou definitivamente na attitude que ha-de tomar.

Porque julgamos o resultado da lucta bastante incerta, ficamos surprehendidos, quando lêmos em alguns jornaes que o ministerio já havia escolhido deputado official para o nosso circulo.

Esse deputado official era o sr. Jayme Magalhães Lima.

Não acreditamos em que o sr. Jayme de Magalhães Lima se proponha pelo nosso circulo, porque conhece de sobra a politica d'Ovar tão accidentada, tão desidente, que lhe não pode offerer a mais insignificante probabilidade de uma victoria, embora disponha do apoio official.

Difficilmente o sr. Magalhães Lima poderá contar com o apoio de qualquer grupo.

Os progressistas, se poderem ir á urna, não dispensarão o seu ou seus candidatos. Entre elles agitam-se o sr. Barbosa de Magalhães e os partidarios do sr. Francisco Mattoso. Nem mesmo uma imposição do sr. José Luciano, a quem ás vezes fingem obedecer, os sustera. Desunidos e indisciplinados tentarão a urna se tiverem quaesquer probabilidades de vencer.

Os regeneradores arallistas ou agora baterão com um nome seu a urna ou ficarão mortos de vez mostrando lá fóra que não tem importancia alguma no circulo. Substituir um nome seu pelo do deputado official e confessar a sua derrota moral, e confessar que tem medo da lucta. Precisam de dar uma prova do seu valor politico, visto que ha dois annos assumiram a responsabilidade da politica regenerador no circulo. Por isso este grupo ou ha de propor o sr. Aralla ou outro qualquer do seu grupo, sob pena de desaparecer.

E' mesmo que esse grupo apoiasse o candidato official temos de seguro que não venceria a eleição, embora auxiliado pelo elemento official.

Do nosso grupo nada dizemos porque nenhuma resolução definitiva tomou.

*

Por isto nos parece que o candidato official não tem probabilidade algumas de vingar.

E porque o sr. Jayme de Magalhães Lima conhece tão bem como nós, o que é a politica local não acreditamos em que accitasse semelhante encargo.

A noticia dos jornaes não passa, porém, d'uma simples *blague* um balão de ensaio.

Novidades

Senhor aos encarcerados.— Amanhã, segunda-feira, vae o sagrado Viatico aos presos, os quaes commungarão na sala do tribunal judicial, para esse fim vistosamente adornada.

Boato falso.—Não sabemos como, começou a espalhar-se pelos jornaes de fóra, que na nossa villa grassava a epidemia do typho.

Foi uma novidade para nós tal epidemia, pois não nos consta que tivesse havido uma só victima d'essa terrivel enfermidade.

E' um boato, que não acredita o seu inventor.

De volta—Começam a recolher á terra os nossos pescadores, que ao findar a *safr* vão procurar trabalho em terras extranhas.

Tambem está proxima a epocha do trabalho de pesca no Furadouro; e por isso elles lá vem para a faina.

As estradas.—Os nossos lavradores acharam um meio engenhoso de compôr em parte as estradas do concelho. Em alguns pontos, onde as covas da estrada são mais fundas, lançam-lhes ramos de eucalyptos de forma que quasi as entulham e as rodas dos carros não se enterram. Escolhem esta madeira de preferencia a outra, porque se conserva mais e não lhes serve para queimar.

De visita.—Estiveram terça-feira na nossa villa os ex.^{mos} snrs. Bernardo da Costa Basto e filho Joaquim da Costa Bastos.

Recolhido á cadeia.—Foi recolhido segunda-feira á cadeia d'esta villa, onde se apresentou voluntariamente, Manoel Alves Ferreira, pronunciado pelo crime de homicidio voluntario praticado em Manoel Antonio Lopes Junior.

Doença.—Aggravaram-se um pouco os padecimentos do nosso prestimoso amigo sr. Joaquim Baldaia.

Ao nosso amigo desejamos rapidas melhoras.

—Já se acha quasi restabelecido d'uma pertinaz doença que o reteve no leito o ex.^{mo} sr. dr. Manoel Marques Pires digno abade da freguezia de Vallega.

Estimamos.

A bica.—Ah! é verdade, a bica ainda não deita agua.

Temos muitas esperanças que lá para a Paschoella... sim, talvez na Paschoella a camara mande vir a agua.

A corda do sino.—A proposito do communicado que publicamos em um dos anteriores numeros do jornal, fomos procurados por um dos membros da

commissão que recolhe os donativos para a compra do sino, o qual nos explicou que a commissão já havia recebido o dinheiro a que o mesmo communicado se refere.

Disse-nos tambem que era verdade não ter ainda agradecido a qualquer dos subscriptores, mas que o tencionava fazer depois de realisada a compra do sino ou da sua collocação na torre da Senhora da Graça; e que se a compra e collocação não havia sido feita era por não ter sido ainda deferido o pedido feito á irmandade proprietaria da mesma capella.

Fez-nos ainda o pedido da publicação do seguinte recibo:

«Recebi do sr. Placido Augusto Veiga a quantia de 6\$810 reis proveniente da subscrição aberta nos Estados Unidos do Brazil pelo sr. Alfredo Ferreira da Cunha em favor da commissão encarregada da compra d'um sino para a irmandade do Santissimo Coração de Jesus da villa d'Ovar. — Ovar, 15 de novembro de 1891. O secretario da commissão (a) Francisco Dias de Rexende. O thesoureiro (a) Antonio Luiz de Sá Junior.»

—•••••—

ENYGMA

E' um nome feminino Que termina por vogal. E' instrumento não musico, De madeira ou de metal.

E' direito como um fuso, Como é costume dizer. Pois que não sendo direito Não pôde este nome ter.

E' mais ou menos comprido Conforme se desejar. Ha artistas que sem elle Certo, não podem passar.

Se um qualquer dos leitores Lhe mudar certa vogal, Ha de encontrar uma villa Cá do velho Portugal.

Os enygmas do numero antecedente são:

Espinho, Onça e Eva

Ovar, 7-4-92.

F. A.

Litteratura

DICCIONARIO DA AMISADE

DEDICADO AOS HOMENS NOVOS

O que é um amigo?

Um amigo é uma creatura que tem todas as pretensões e todos os defeitos da mulher, sem possuir uma só das boas qualidades que a distinguem.

Não obstante isso, para ser justo e não desgostar ninguem da

amizade, devo acrescentar que encontro bastantes pessoas por esse mundo que me apertam a mão. Viajei muito no paiz da amizade, sem plano estabelecido, e demorando-me um pouco onde me pareceu. O paiz não me deixou as mais gratas recordações, devo confessal-o, mas como lhe conheço bem todas as veredas e encruzilhadas, sou um excellente guia de viajantes. A'vante, pois, meus jovens companheiros!

O primeiro que encontramos é:

O amigo tolo—Esta classe é a mais procurada. Os homens de talento teem uma predilecção pronunciadissima pelos tolos. Adolpho Adam gostava de gatos, Decamps adorava os macacos, Mozart idolatrava os papagaios; mas um homem de talento em geral tem o cuidado de apegar-se, á falta de gato, mono ou papagaio, a um homem tolo, a quem chama seu amigo.

O amigo idiota não é incommodado nas suas relações. A sua principal qualidade boa é de provar-nos a toda a hora, e mau grado nosso, que temos mais talento do que elle, o que nos lisongeia o amor proprio. Em qualquer posição da vida que um homem esteja collocado, encontra sempre um amigo d'esta classe.

Um semelhante sujeito agarra-se a nós com a facilidade de um cão; serve-nos de moço de recados, para nos levar as cartas; carrega com as culpas de todos os enganados em que porventura cahimos; livra-nos das pessoas que nos enfadão; podemos, em summa, fazer d'elle quanto quizermos, excepto um amigo, porque não nos comprehenderá quando lhes fallarmos dos pensamentos elevados que nos agitam, e que estão fóra do alcance da sua intelligencia. Mudemos de direcção. Encontraremos:

O amigo protector.—Este simulará interessar-se por nós. A's vezes, quando está aborrecido e não sabe o que ha de fazer, se por acaso nos encontra na rua, dá-nos o braço para que o acompanhemos, e jura-nos que o seu unico desejo é ser-nos util em alguma coisa. Evidentemente, dir-me-hão talvez: eis ahí está um verdadeiro amigo. Póde ser. O amigo protector não tardará em fazer-nos alguns insignificantes favores. Em compensação seremos para elle o que o amigo tolo é para o homem de talento: o seu creado e o seu cão. Disporá do nosso tempo, como e quando lhe apetece. Em fim, por um pequeno favor que nos fez, exigir-nos-ha cem muito mais importantes, e como é o nosso protector teremos todo o cuidado em não lh'os recusar. Do amigo protector dista apenas um passo:

O amigo desinteressado.—Peço licença para substituir a analyse por uma anedocta.

Um excellente rapaz a quem chamaremos Eduardo, possuia a mais formosa collecção de armas que tenho conhecido. Além d'isso tinha um amigo. Este amigo era medico. Um dia, Eduardo cahiu doente. O amigo tractou-o e, oh! milagre! Eduardo ficou bom. Quando fallou em pagar os cuidados que tinham sido prodigalizados, o amigo medico recusou com indignação.

—Meu caro, não insulte a

amizade offerecendo-me dinheiro.

— Pois bem, não fallemos mais n'isso.

Chegou o dia de Anno Bom. — Vou fazer uma surpresa áquelle excellente doutor, pensou Eduardo.

E tirando de um trophéu, uma espada magnifica, mandou-a, com um bilhete ao medico: D'ali a quinze dias, ao passar ao pé d'um bazar de armas encontrou o amigo.

— O doutor per aqui?

— Eu em pessoa.

— O que o trouxe cá?

— Ando á procura d'uma espada que sirva de companheira á que me offereceu no dia de Anno Bom.

— Oh? Não ha-de eu central-a facilmente.

— Receio isso.

No dia seguinte, Eduardo tirou do trophéu outra espada; não menos esplendida que a primeira, e mandou-a ao medico.

Querem agora saber o desenlace da historia? Ao cabo de um anno Eduardo, reconhecido ao amigo, não tinha uma unica arma, e o medico estava de posse de uma riquissima collecção.

Um doente ordinario teria pago as quatorze visitas ao medico a razão de cinco francos cada uma, ou sejam setenta francos por todas. A collecção de Eduardo valia uns oito ou dez mil francos. Em resumo, se o leitor adoecer, não mande chamar amigos. Nada custa tão caro como uma consulta de graça.

O amigo orgulhoso.— Este tracta-nos perfeitamente. Nunca temos razão de queixa contra elle. Recebe-nos como a um irmão, offerece-nos os seus melhores charutos, e apresenta-nos aos seus melhores amigos. Porém...

— Ah! Temos um porém?

— Porém, faz tudo isto por vaidade. Exhibe-nos, sem que se dê por semelhante coisa, como se exhibe um vitello de duas cabeças, e dirá a quem lhe der ouvidos:

— Sou tão amigo d'este rapaz! E'-me tão dedicado, que posso fazer d'elle tudo o que quizer... Como é agradável inspirar uma sympathia assim!

Passemos aos

Amigos dos nossos paes.— A culpa dos paes recahem sobre os filhos.

— Em amizade?

— Em amizade, principalmente.

O pae do leitor teve um amigo que o conheceu pequenito; faz-se seu amigo e aproveita esta posição para tractal-o toda a vida como a um fedelho.

Aquelle homem viu-o tão pequenino, nunca o olhará de outro modo. Chamar-lhe-ha seu *joven amigo*, e quererá impor-lhe a sua pretendida experiencia, que é apenas um juizo de um velho que ha meio seculo se esqueceu dos vinte annos. Obrigal-o-ha a andar com camisola de flanella, a tomar mesinhices, e talvez a casar.

Não se deve recusar cousa alguma a um antigo amigo de familia. Depois de ter massado o pae, reclama o direito de massar o filho.

O amigo disfructador.— Todos os amigos são disfructadores. Quando por acaso um amigo dis-

fructa outro, é porque ambos se disfructam mutuamente.

O amigo franco.— Este senhor nunca descobre uma coisa agradável para nos dizer. Sob o pretexto de franqueza, insulta-nos. Demonstra-nos que somos tolos, que não temos coração; emfim, faz-nos comprehender que não passamos de uns *ninguens*, sem que nos assista o direito de lhe pedir contas dos seus insultos, porque é nosso amigo.

— Mas, dir-me-ha alguém, não acredita na amizade sincera e leal? Lá isso acredito, visto não ter motivo de duvidar da sua existencia, mas até hoje ainda a não encontrei.

Exame final.— Compreendeu as minhas theorias, mancebo?

— Perfeitamente.

— Quer que continue a pré-dica a respeito da amizade?

— Não, basta.

— Responda me então. O que vem a ser um amigo?

— Amigo é um homem que nos faz presar os nossos inimigos.

— Não foi mal respondido. Digame agora uma coisa: vae cultivar a amizade?

— Certamente.

— Visto isso préguei no deserto?

— Ora essa! Porque uma borboleta se queimou na luz, não se deve dizer que as mais façam outro tanto. Comtudo...

— O que?

— No dia em que eu veja a necessidade de ter amizade a alguém, em vez de um homem, buscarei... uma mulher.

— E' isso mesmo. Compreendeu-me.

ALBERTO WOLFF.

O ESTADO E O POVO

«Des trois objets de la loi, le gouvernement, l'honneur et l'âme, le gouvernement appartient aux chefs, l'honneur et l'âme appartiennent à tous. Ancienne loi d'Islande.»

BEAUSSISE.

O Estado e o Povo; eis, entre nós, as duas entidades politicas.

Se nos referissemos á Russia, á Turquia, a qualquer paiz da Asia ou a qualquer tribu da Africa, melhor poderíamos dizer — o Chefe e o Povo.

Porem como nós temos acompanhado, quasi *pari-passu*, os progressos liberaes da maior parte das nações europeas, o poder central que nos governa, encontra-se não n'um só homem, mas n'um corpo politico, chamado o Estado.

Nunca uma tribu, raça, casta ou ordem, pode existir sem um chefe que a governasse e dirigisse; nunca uma nação se constituiu sem previamente eleger um homem ou um grupo de homens a quem, geralmente, deu poderes illimitados, os poderes d'uma chefia absolutissima.

Mas que homens elegiam? Eram quaesquer?... não.

Eram, sem duvida, aquelles que incutiam o respeito e a veneração pela sua força, ou pela sua idade, ou pela sua intelligencia.

Nunca a eleição recahia sobre homens ineptos, rachiticos ou fracos, mas sobre aquelles em

que se reconhecia mão de ferro para sustentar as pesadas redeas do governo, intelligencia prespicaz para as saber dirigir e coragem indomavel para não trepidar em frente de quaesquer obstaculos.

Era do bom governo, feito, com sabias leis, na paz e, na guerra com a sagacidade, energia e força que dependia a autonomia e o progresso da nação.

Mas seria sómente necessaria a energia, a coragem no tempo da guerra?... não, porque na paz, além da intelligencia para a feitura das leis, precisava-se tambem da energia, da afouteza para as promulgar, e reprimir a soltura dos costumes; porem isto sempre longe da prepotencia.

Um chefe que, alguma vez, deixasse transpirar o medo, estava perdido como aconteceu a Luiz XVIII em França; desde que deixasse de reprimir a soltura dos costumes ou antes a demasiada liberdade, era depositado como aconteceu a D. Sancho II entre nós; desde que usasse da prepotencia, era morto como na Inglaterra aconteceu a Carlos I.

Aos chefes, quer estes fossem pessoas individuaes ou collectivas, desde sempre competiu um governo intelligente, activo, energico e ao mesmo tempo moderado.

Desde que n'elles havia a ineptia, a fraqueza ou um excessivo despotismo, a nação infallivelmente cahia na desmoralisação ou na anarchia. Haja vista com o que succedeu no imperio romano. Emquanto as virtudes predominaram nos seus chefes, Roma com os seus braços de ferro chegou a dominar todo o mundo conhecido; mas desde que imperadores despotas e imbecis assumiram as insignias imperiaes, cahiu aos abalos d'umas tribus mais disciplinadas ainda que menos civilizadas.

Porem o progresso e autonomia d'uma qualquer nação, estaria simplesmente dependente dos chefes?

Não estava certamente. De que dependeria mais? Do povo.

E' verdade que este, foi sempre considerado pelos chefes como um elemento passivo, automatico; pois estes diziam-se o cerebro d'um corpo cujos membros eram o povo.

Era esta indubitavelmente uma concepção erronea—porque no povo existiu sempre uma alma susceptivel de todos os direitos, capaz de todas as virtudes ou ainda accessivel a todos os vicios.

Nunca bastaram as virtudes nos chefes, foram sempre necessarias tambem, as virtudes no povo — porque a desmoralisação n'este, é o enfraquecimento moral da nação, que é muito mais prejudicial que o enfraquecimento politico.

Roma vendo-se perdida, na celebre batalha de Cannas, por causa da falta de virtudes nos seus chefes, encontrou a salvação na moralisação do povo que se sacrificou inteiramente pela patria, reduzindo-se á penuria e desprezando stoicamente a vida.

Annibal, foi o terror de Roma emquanto brilharam as virtudes no seu exercito; porem desde que, em Capúa, os seus soldados, em contacto com os vicios

tão depravados d'esta cidade, perderam as virtudes em parte resultantes das privações e trabalhos passados através dos Pyrenneus e Alpes, Annibal nunca mais tornou a combater os romanos com vantagem.

Pyrro dizia ao combater os mesmos romanos que, se tivera soldados de tantas virtudes, facilmente conquistaria o mundo.

Emfim, na Grecia antiga, temos exemplos mais do que friantes que comprovam o que tenho affirmado acerca do povo.

Na antiguidade, nenhum povo foi mais sedento da liberdade do que o grego. A liberdade e a sciencia eram as suas características, eram até certo ponto os seus elementos de vida como o são as condições climatologicas.

Ao passo que este direito absoluto — a liberdade — estava ainda em embrião nos outros povos, na Grecia já attingia um estado definitivo.

Este povo comprehendeu, durante muito tempo, a liberdade como nenhum outro; era livre mas em conformidade com os preceitos moraes, e até onde permitiam as leis civis que, sendo dadas por legisladores tão sabios como era Solon, se baseavam directamente na natureza.

Por isso floresceu, brilhou mais do que todos os outros povos contemporaneos.

Venceu sempre todos os seus inimigos mais pela força moral, do que pela força phisica.

Mas a pureza de sentimentos não podia durar sempre. Seguiu-se-lhes a dissolução dos costumes. E logo a liberdade foi encarada por um outro prisma bem diferente: proceder sem normas, fazer cada um o que lhe apetece—succedeu por consequencia á liberdade a arbitrariedade, a licença.

D'aquí á perda da sua independencia não decorreu muito. Philippe da Maudonia, sabendo do estado corrupto e anarchico em que estavam os gregos, sobornou com dinheiro algumas das tropas d'estes, e ponde em seguida dominar um povo outr'ora tão respeitado e temido pelas suas virtudes.

Eis como as virtudes n'um povo são, sem duvida alguma, uma condição *sine qua non* para o progresso d'uma nação, para o seu florescimento e sobretudo para manter a independencia, a autonomia.

Como é que nós, de derrocada em derrocada, nos encontramos actualmente á beira d'um tremendo abysmo: a perda da nossa autonomia?

Qual a origem d'isto?

Devido a que?

Qual o papel que nos ultimos tempos tem desempenhado o Estado e o povo portuguez?

E' o que tendo em vista os factos que acima expuz, direi no proximo numero.

Coimbra, 6 d'abril de 1892.

João Varino.

CORRESPONDENCIAS

Porto, 7 d'abril de 1892

Teve hontem logar a primeira sessão plenaria da camara municipal do Porto.

A sessão abriu pouco depois das 2 horas da tarde.

Presidiu o sr. dr. Oliveira Monteiro, estando presentes todos os snrs. vereadores, com excepção do sr. Christiano Wanzeller, que justificou a sua não comparencia áquella sessão. Depois da discussão de varios assumptos passou-se á

ORDEM DO DIA

A 1.^a parte do relatório da comissão municipal. O sr. presidente deu varias explicações sobre esse documento.

O sr. dr. Pinto de Mesquita, disse que sendo o relatório, distribuido ha tres dias, achava pouco tempo para ser discutido e approvedo, e que julgava conveniente ser discutido em outra sessão.

O sr. conselheiro dr. Costa e Almeida, lembrou que no relatório ha um ponto que deve ser tratado sem prejuizo do que tem de resolver-se sobre a apreciação d'esse documento.

Historiou o caso que deu origem á pendencia entre a camara e as Companhias de Fiação e Tecidos do Porto, dizendo que a camara venceu a questão.

O sr. presidente, depois de chamar a attenção da camara, para a discussão do relatório, poz á votação, se devia ou não entrar na discussão sobre este ponto, que tratou o sr. dr. Costa e Almeida. A camara approvedo. Discutiu-se depois a questão das aguas, combatendo o sr. dr. Costa e Almeida as palavras dos snrs. José Arroyo, Pinto de Mesquita e Tito Fontes.

O sr. presidente encerrou a sessão sendo a ordem do dia para a sessão d'hoje uma, interpegação annunciada pelos snrs. drs. José Arroyo e Pinto de Mesquita e continuação da discussão do relatório e parecer da comissão de contas.

Comquanto não atinja o esplendor dos demais annos, promete ser brilhante a festividade religiosa a Nossa Senhora das Dores, na igreja dos Congregados.

E' pregador o conego dr. Alves Mendes.

O grupo de operarios graphics que faziam parte do jornal portuense a «Ideia Nova», e que em consequencia da sua suspensão ficaram sem trabalho, promove um magnifico espectáculo, para o dia 24 do corrente no Theatro da Rainha, em Villa Nova de Gaya, cujo producto reverterá em seu favor.

A comissão conta já com grande numero de adhesões, o que é de prever attendendo ao fim humanitario a que o producto do espectáculo é destinado.

*

Afim de evitar qualquer sinistro que se origine por occasião das festividades da Semana Santa, a meza da Santa Casa da Misericordia sollicitou do sr. Guilherme Gomes Fernandes, inspector dos Incendios, um piquete de bombeiros, para a igreja da Misericordia.

Com egual fim, fez a meza da ordem do Carmo o mesmo pedido.

*

Por falta de numero, não reuniu hontem a Junta Geral do Districto. A proxima sessão será na segunda-feira.

*

Dissolveu-se a sociedade que n'esta praça girava, sob a firma de Soares & Companhia.

*

A policia tem suspeitas de um crime praticado por Maria d'Almeida e Candido Exposto; é o caso que Maria d'Almeida em fevereiro findo deu á luz uma creança que o marido foi enterrar no quintal, de sua casa em Salgueiros. Declaram que a creança não era de tempo e que nacera morta. E' o que se trata de averiguar. Conservam-se detidos.

*

Falleceu o sr. João Arlindo da Silva Freitas, commerciante d'esta praça.

*

Sahi a nossa barra, o vapor Gomes IV, com um importante carregamento, para diversos portos.

*

Passa no proximo domingo o tradicional dia de Ramos. O aspecto das ruas do Porto n'esse dia é esplendido e d'um effeito deslumbrante. O rapazio empunhando ramos, enfiados em vigas de madeira, exclama: — *Quem vem á procissão*, e ahí vão a caminho da nossa Sé Patriarchal, a benzer os ramos, cerimonia esta que é feita no meio da mais atrodadora gritaria, não deixando de ser notavel pelo avultado numero de rapazes que se reúnem.

*

Passou hoje o 4.^o anniversario da morte da insigne atriz portuense Thomazia Velloso. A jazida de Thomazia estava coberta de flores desfolhadas por mãos piedosas e santas: — os admiradores do seu talento de artista.

*

Na proxima terça-feira 30.^o dia do fallecimento do sr. Antonio Rodrigues da Silva, a familia do finado, manda celebrar uma missa suffragando a alma do finado. A seu filho o nosso presado amigo o sr. Victorino D. de Souza, cujo coração ainda sangra pela perda irreparavel que acaba de soffrer, aqui deixamos exarado o nosso mais profundo e sentido pesar.

*

Nada mais de notavel occorreu, digno de mencionar-se, e até á semana.

Oliveira.

CHRONICA

A religião cristalisa-se, depura-se na poesia. O crente sonha visões, eleva-se em extasis, embalado pela harmonia do órgão na igreja saturada de incenso, ou pelo cantar das aves nos campos, quando a primavera faz rebentar de seiva as plantas e a brisa prepasa pelas arvores balouçando-as brandamente. Elle vê Deus no calice das flores e em arroubos mysticos dirige-lhe as suas preces.

A Igreja, que estudou de seculos a seculos a natureza humana, que asculou o sentimentalismo e viveu da idealisação, trouxe o anniversario do Martyrio de Golgotha para quando a primavera faz rebentar de seiva as plantas e a brisa perpassa pelas arvores balouçando-as brandamente.....

A Natureza prepara o coração humano para se emocionar nas scenas da Paixão, mas não lhe põe diques.

O incenso embriaga, o mysticismo excita, e a imaginação, quando é servida pela mocidade ardente, gallopa, vae buscar al-gures o que precisa para suppôr o vacuo enorme que o sentimento religioso só não enche.

E' por isso que as scenas da Paixão, enchendo a igreja a transbordar de rostos bonitos excitados pelo mysticismo e embriagados pelo incenso, cria paixões profanas, quando a primavera faz rebentar de seiva as plantas e a brisa perpassa pelas arvores balouçando-as brandamente.....

E' tambem na semana santa, na semana da Paixão, que a lua passa á noite pelo Infinito, espar-gindo pelas ruas um luar brando, morno, que convida a ler nos corações reciprocas confidenciiss. E se a musica em marcha, funebre, em passo cadenciado acolyta a primeira confissão... parece que a lua, alem, vela o seu rosto para nem o luar brando moroso vir pertubar a santa felicidade do mystico amor, nascido quando a primavera faz rebentar de seiva e plantas....

A semana da Paixão é a semana das paixões. Os velhos lembram-se d'ella com saudade; os novos esperam-n'a ansiosamente: e todos occorrem á Igreja a embriagar-se no fumo do incenso a dirigir preces a Deus, que abre o calice das flores quando a brisa perpassa pelas arvores balouçando-as brandamente.....

Ovar—8—4—92.

João Rigor.

Annuncios

CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço de boa agua.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR XAVIER DE MONTEPIN VERSÃO DE Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes EDITORES BELEM & C.^a 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

AGRADECIMENTO

OS abaixo assignados na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua presada irmã, cunhada, tia e amiga D. Rachel Augusta Pinto Camello Coelho, fazem-o por este meio protestando a todas o seu verdadeiro reconhecimento.

- Maria Ermelinda Pinto Camello (ausente).
- Maria Mafalda da Silveira Pinto Camello,
- Aicinda Izaura Pinto Camello Coelho.
- Luiza L. da Fanseca Silveira.
- Erminia Augusta dz Fonseca d'Abreu (ausente).
- Maria Luiza F. da Silveira.
- Maria Estephania da Silveira Carrelhas (ausente).
- Hortencia Fonseca da Silveira.
- Joanna A. Fonseca da Silveira.
- Rita Gomes da Silveira.
- Gustavo Pinto Camello Coelho.
- José Maria Pinto Camello Sarabando (ausente).
- João Carlos P. Camello Coelho.
- João José da Silveira.
- Isac Julio da Fonseca Silveira.
- Jose da Silva Carrelhas (ausente).
- Antonio Augusto d'Abreu (ausente).

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400
Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

GRANDE BARATEZA
ANTONIO DE SOUZA CAMPOS
RUA DA GRAÇA (ás pontes)
OVAR

Faz lembrar aos seus amigos e ao ill.^{mo} publico, que tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortido de fazenda de lã e d'algodão, bem como miudezas, chapéus e guardaçoos, colarinhos, punhos etc, etc., que vende por os preços antigos.

Tem além d'isto um lindo e variado sortido de flannels d'algodão, cachénés, pannos familia e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr; riscados, zephires, lenços de malha, de merinos d'algodão, chailes pretos e de côr, merinos pura lã, grande sortido de casturinas o que ha de mais moderno, flannels de lã, picotilhos, cheviotes e cazemiras pretas e de côr, nacionaes e estrangeiras, etc, etc.

Fitas para capuchos, colletes d'espartilho, sapatos de liga e ourello, camizollas de malha, de lã e d'algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, para casaccs de senhora, guarnições de seda e de lã para os mesmos, bonets em todos os feittos para criança, toucas, etc.

E além d'isto muito mais coisas que é impossivel annunciar.

Aproveitar pois, que fazendo assim baratas pouco tempo as comprem; em vista dos cambios estarem altos e os novos direitos na alfandega.

Encarrega-se tambem de qualquer encomenda tanto do Porto como de Lisboa.

LEO TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^o FRANCISCO CORREIA PORTOCARREROCom uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. ANELIA

Com auctoriseção do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Sees, Arcebispo e Gran, Arcebispo de Turim, Bispo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuída em fascículos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fascículo 100 réis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fascículos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluída a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fascículos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 réis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR
JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Castello da Raiva de L. Stapleau—Um drama de revolução de Ernesto Daudet Mont Oriot, de Guy de Maupassant.—O grande industrial e Sergio Panine de George Ohnet.—Clotilde de Alphonse Karr.—Sapho de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

REPERTORIO SYNOPTICO

DA
LEGISLAÇÃO PORTUGUEZAPOR
J. GARCIA DE LIMA

Cada fascículo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 réis. Requisições á Empreza Editora—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fascículos.—Beco da Amoreira, 9, 3.^o

No prélo:—Dicionario de Jurisprudencia e Legislação Portuguesa. Preço do fascículo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

OS BURROS

OU
O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso com todas as liberdades do original.

Preço, br . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A^o Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Companheiros do punhal

POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Publicada a 1.^a caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus amigos e freguezes, bem como ao respeitavel publico, qua tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortimento de fazendas de todas as qualidades, das quaes menciona:

Flanellas d'algodão, cheviotes pannos familias e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr, riscados, zephiros, lenços de varias qualidades, chailes pretos e de côr, nacionaes e estrangeiros, meirinos de pura lã, castorinas as mais modernas, picotilhos, case-miras pretas e de côr tanto nacionaes como estrangeiras, camisolas de malha de lã e de algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, guarnições de seda e lã, bem como muitos outros objectos existentes na sua loja, que é impossivel annunciar.

Tambem faz publico que no seu estabelecimento vende fato feito, tanto para homem como para creanças, comprehendendo calça, collete e casaco de varias qualidades e boa casemira, bem como se encarrega de qualquer peça d'obra que lhe encommendem.

Vende tudo por preços sem competidor. Portanto meus amigos e freguezes, é aproveitar antes que venham os nossos direitos d'Alfandega porque depois tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.^o
de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av. Iso rs.
200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

MAURICIO GUÉINS

SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

SECRETARIAS SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas. 27 gravuras explicativas.

A^o venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis
" 420 "

Deposito—Livraria Portuguesa, Loyos, 56—Porto.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portuguesa

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA
OCCIDENTAL E ORIENTAL



Preços resumidos muito inferiores ás tabellas das outras agencias: para S. Thomé 34\$000 réis; Ambriz e Loanda 38\$000 réis; Benguella 142\$000 réis; Mossamedes 46\$000 réis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Companhias Mala Real Portuguesa, Mèssageries Maritimes, Mala Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se passagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.^a classe 27\$000 réis.

Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, trabalhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae com um ou mais filhos ou netos, avô ou avó com seus descendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir empregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes convenha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS durante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer terra para onde perfiram ir viver.

Passagens em todas as condições e negocio tratado com seriedade.

Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

o mance traduzido da nova edição
correcta e augmentada pelo
auctos

Sairá em cadernetas semanaes
de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.^a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de infantaria
e ex-professor do Lyceu Central
do Porto

—
PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

e
Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

—
579, RUA DO ALMADA, 579—
PORTO